



SEÇÃO: MULHERES NO CRISTIANISMO

A *Shekinah* entre as mulheres na Igreja e Teologia: das tendas às telas

The Shekinah among Women in the Church and Theology: from tents to screens

La Shekinah entre las mujeres en la Iglesia y la Teología: de las tiendas de campaña a las pantallas

Aline Amaro da Silva¹

orcid.org/0000-0001-6467-7262
silva.alineamaroda@gmail.com

Elisangela Pereira

Machado²

orcid.org/0000-0001-6820-3590
elispmachado@gmail.com

Recebido em: 10/06/2022.

Aprovado em: 26/08/2022.

Publicado em: 07/11/2022.

Resumo: Em continuidade da pesquisa: "Mulheres na Teologia Brasileira", o presente artigo focaliza a questão do espaço feminino na Igreja e Teologia. Entretanto, não é qualquer ambiente de ou para mulheres, o consideramos uma *shekinah*, isto é, habitação feminina de Deus na história. Desse modo, traça-se um breve panorama histórico das tendas do Antigo Testamento às telas da era digital. Através de pesquisa bibliográfica, o estudo analisa a trajetória feminina por espaços de fala e protagonismo no pensar, ensinar e viver a fé cristã. Traz exemplos de algumas mulheres cristãs que romperam o silêncio e não puderam deixar de serem notadas nos contextos bíblicos e contemporâneos. A partir do olhar dos primeiros tempos da tradição judaico-cristã aos dias atuais, a questão que norteia a investigação consiste em: existe uma autêntica *shekinah* feminina na Igreja e Teologia Católicas? Se verificou que sempre houve uma forte e engajada presença feminina na comunidade cristã, ainda que nem sempre reconhecida e destacada. Existem atualmente espaços legítimos de protagonismo feminino, especialmente nas pastorais e outros de meras lacunas ou cotas para mulheres deixadas nas academias, significando que a *shekinah* feminina ainda precisa alargar os tecidos da sua tenda.

Palavras-chave: mulher; espaço; *Shekinah*; teologia católica; Igreja Católica.

Abstract: In continuation of the research: "Women in Brazilian Theology", this paper focuses on the issue of women's space in the Church and Theology. However, it is not just any environment of or for women, we consider it a *shekinah*, that is, God's feminine dwelling in history. In this way, a brief historical overview is traced from the tents of the Old Testament to the screens of the digital age. Through bibliographical research, the study analyzes the feminine trajectory for spaces of speech and protagonism in thinking, teaching, and living the Christian faith. It brings examples of some Christian women who broke the silence and could not help but be noticed in the biblical and contemporary contexts. Looking from the earliest times of the Jewish-Christian tradition to the present day, the question that guides the investigation is: is there an authentic feminine *shekinah* in the Catholic Church and theology? It was verified that there has always been a strong and engaged feminine presence in the Christian community, although not always recognized and highlighted. There are currently legitimate spaces of feminine protagonism, especially in pastoral work, and others of mere gaps or quotas for women left in the academies, meaning that the feminine *shekinah* still needs to widen the fabric of its tent.

Keywords: woman; space; *Shekinah*; catholic theology; Catholic Church.

Resumen: Continuando con la investigación: "Mujeres en la Teología Brasileña", este artículo se centra en la cuestión del espacio femenino en la Iglesia y la Teología. Sin embargo, no es un ambiente cualquiera *de o para* mujeres, nosotros



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS), Santa Maria, RS, Brasil; Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

lo consideramos una *shekinah*, es decir, la habitación femenina de Dios en la historia. De esta forma, se traza un breve recorrido histórico desde las tiendas del Antiguo Testamento hasta las pantallas de la era digital. A través de la investigación bibliográfica, el estudio analiza la trayectoria femenina mediante espacios de discurso y protagonismo en el pensar, enseñar y vivir la fe cristiana. Trae ejemplos de algunas mujeres cristianas que rompieron el silencio y no pudieron evitar ser notadas en contextos bíblicos y contemporáneos. Desde la perspectiva de los primeros tiempos de la tradición judeocristiana hasta nuestros días, la pregunta que guía la investigación es: ¿existe una auténtica *shekinah* femenina en la Iglesia Católica y la Teología? Se constató que siempre ha habido una presencia femenina fuerte y comprometida en la comunidad cristiana, aunque no siempre reconocida y destacada. Actualmente existen espacios legítimos para el protagonismo femenino, sobre todo en las pastorales y otros con meros vacíos o cuotas de mujeres que quedan en las academias, por lo que la *shekinah* femenina todavía necesita agrandar los tejidos de su tienda.

Palabras clave: mujer; espacio; *Shekinah*; teología católica; Iglesia Católica.

Introdução

Um dos pontos de maior destaque na Pesquisa "Mulheres na Teologia Brasileira", que deu voz a dezenas de teólogas em todo o Brasil por meio de um estudo qualitativo e quantitativo que recolheu suas impressões através de um questionário semiaberto on-line, foi a questão do espaço legítimo feminino no Cristianismo.³ Com a intenção de aprofundar esta temática, o presente artigo discute a *shekináh* entre as mulheres desde os relatos do Antigo Testamento às narrativas digitais, das tendas às telas. A *shekináh*, expressão criadora e criativa do transcendente neste mundo, conota ação do divino que acompanha, sustenta e guia a criatura humana, sempre em movimento, numa dinâmica indomável e inspiradora, ela fundamenta o artigo que segue, porque a imaginação é uma categoria dos estudos feministas e da hermenêutica feminista que valida um protagonismo ainda invisibilizado.

Ao longo da história cristã, percebe-se uma presença discreta, mas constante, de protagonistas femininas. Nas passagens bíblicas é difícil dizer quantas mulheres eram profetizas, fiéis ou discípulas, pois elas geralmente não eram

contadas. No entanto, se tirarmos o exemplo dos últimos séculos, as mulheres são um público extremamente significativo e até majoritário na vida comunitária cristã. Então por que se vê e se escuta tão pouco sobre elas? Enquanto a pesquisa que inspirou este artigo focou-se mais no campo acadêmico-teológico, o presente trabalho visa resgatar os espaços femininos de protagonismo especialmente no campo eclesial.

De forma sintética, a trajetória do lugar, presença e visibilidade da mulher na Igreja Católica e na teologia foi dividido em cinco partes. A primeira aborda a concepção judaico bíblica sobre o espaço feminino na fé e sociedade da época, bem como a definição de *shekinah* que vai além da simples tenda material. O segundo ponto discorre sobre uma cristologia feminina da *shekinah*, isto é, como a encarnação de Jesus pode ser entendida como um espaço síntese de valorização, dignificação e salvação do ser homem e do ser mulher. O terceiro tópico aborda a questão do protagonismo feminino no período paulino e como muitas vezes a figura e palavras de Paulo são mal interpretadas em relação à mulher. A quarta parte faz uma passagem rápida do medieval à contemporaneidade, pontuando alguns nomes e características da caminhada feminina cristã. O quinto ponto trata da realidade da mulher hoje na Igreja, academia e sociedade brasileira marcada pela cultura digital, trazendo alguns dos resultados da pesquisa de opinião realizada em 2021.

Com isso, busca-se, mais uma vez, o desdobramento e a reivindicação de um lugar em que o feminino possui por direito, um espaço em que a mulher possa ser sujeito ativo e desenvolver toda capacidade e dons que nela habitam. Antes, na tenda – espaço fértil, criativo, sensível, profundo e compartilhado na sororidade que buscava fazer morada em ambientes arenosos e patriarcais da Sagrada Escritura –, hoje, nas telas, esse novo *modus operandi* em que o feminino é desafiado a fincar à estaca no solo teológico e a expandir

³ A Pesquisa "Mulheres na Teologia Brasileira" foi elaborada em 2021, a divulgação do questionário on-line e coleta dos dados ocorreu entre os meses de junho e setembro de 2021. Os resultados iniciais deste estudo foram apresentados em forma de comunicação no VIII Congresso da ANPTECRE.

as lonas de seus saberes. Porque o feminino, seja qual for o contexto e o tempo, permanece vivo e manifesto nas *shekinah* da história.

1 O espaço feminino nos relatos do Antigo Testamento

Sabe-se que o comportamento social ocidental, por muito tempo foi alimentado mediante narrativas de mitos em relatos da origem das espécies, criacionistas ou evolucionistas. A partir desses, há na sociedade uma profunda e enraizada certeza de que o feminino, em seu caráter físico ou psíquico, assim como suas aptidões, racional ou de valor, seriam menores e menos qualificadas que o masculino. O que se contempla é um cenário, desde o relato ortodoxo da criação (Gn 1-2) que foi e continua presente na mente coletiva, compreendido como verdade histórica e que recusa ao feminino a parcela de sua colaboração na construção intelectual civilizatória.

Considerado sexo frágil e incapaz da observância total da *Toráh*, nos relatos do Antigo Testamento, não se dirigia a palavra ao feminino ou era dada a oportunidade de elas falarem em público. Em condição marginalizada, as mulheres eram desmerecidas pelos rabinos, o ensino era reservado apenas aos rapazes que, quando circuncidados, celebravam sua plena pertença ao Povo de Israel - um sinal das bênçãos de *YHWH* e dos patriarcas. À mulher, estava destinada a condição de coisificação - um bem pertencente ao homem (Ex 20,17), um suporte sem importância própria. Disso resulta a tarefa única de cuidar e servir o ambiente familiar: moer grãos, buscar água, fazer o pão, cozer e quando nômade, montar e desmontar a tenda.

Mesmo que no cenário patriarcal do mundo hebreu a mulher estivesse condicionada a situação de proibições e ao último lugar, algumas, devido ao modelo exemplar de conduta feminina, puderam romper, em parte, com o sistema. De fato, isso se constata nas eleitas matriarcas, profetizas, juízas e heroínas quando somente estavam de acordo com o perfil da prudente mulher perfeita (Pr 31, 10-31). Não há indícios de como se comunicavam e se relacionavam umas

com as outras, retidas e silenciadas no universo masculino do ambiente familiar, ou das narrativas reproduzidas apenas na perspectiva do varão, branco e dominante.

Todavia, a literatura sagrada em seu dinamismo hermenêutico nos dá vasão para que pensemos na possibilidade da tenda enquanto espaço, não de confinamento ou purificação apenas, mas, de sororidade e enraizamento daquilo que as gerações passadas deixaram enquanto legado de um feminino resiliente e espiritual. Fazer menção a *shekinah* é dilatar a palavra e expandir sabedoria em relação ao mistério divino, desde uma perspectiva do feminino e para além de uma linguagem patriarcal, altamente sistematizada (JOHNSON, 1995, p. 321).

Ciente da fragilidade dessas hipóteses, o entrelaçamento de críticas literárias e históricas nos revelam que havia uma relação de unidade em atividades compartilhadas no serviço de entreajuda na manutenção das comunidades e famílias. O fato é que no *habitat* natural hebreu das terras, animais, artefatos, encontramos a realidade da tenda, um lugar sagrado, pessoal, familiar, religioso e social; a *shekinah* que se dilata na compreensão de seu sentido à medida em que é compreendida como espaço de encontro, transcendência, partilha, cultivo da fé e fortalecimento (VINE, 2007, p. 333).

A palavra *shekinah* acompanha os povos através do deserto da pós-escravidão, avança até o exílio, estabelece morada, acompanha, despertando esperança, coragem e a consciência de fidelidade à promessa (JOHNSON, 1995, p.132). Ela deriva da raiz hebraica (sh-k-n) - traduzida como *shekiná* na língua portuguesa (outras transliterações possíveis: *shekinah*, *shechinah*, *shekina*, *shechina*, *schechinah*) que se aproxima do sentido da palavra tenda, residência temporária, própria da condição nômade do povo de Israel e é mencionado 343 vezes em todos os períodos do universo bíblico hebraico (Gn 4, 20).

A tenda pressupõe um material de elementos leves para o deslocamento de caravanas de um lugar para o outro, bem como a ausência de alguns materiais difíceis de serem encontrados em

ambiente desértico (Nm 24, 5-9). As mulheres as armavam utilizando panos esticados em estacas e amarrados com cordas de pelo de cabra. Às vezes, o interior era dividido em diferentes seções para acomodar os familiares e separar os mesmos dos animais. Também encontramos o termo compreendido em um dilatar de significância como espaço sagrado (Ex 37, 7), lugar de diálogo e encontro com Deus (VINE, 2007, p. 333).

No constante peregrinar do povo em busca da Terra Prometida – Canaã –, a tenda era a morada do instante e, junto das muitas tendas das famílias, havia a Tenda da Reunião que continha a Arca da Aliança, um Santuário Móvel (Ex 25, 8; 40, 17). É visto que quando Israel chegou às portas da Terra Prometida, estabeleceu essa Tenda Santuário nas estepes de Moab (Nm 25,6). Mas isso diz respeito aos relatos sacerdotais, aos quais o presente artigo não irá se deter, em suas muitas versões no traslado pelo deserto (1Rs 8,4) por eles mencionadas.

No intuito de expandir o sentido da *shekinah* hebraica, consideraremos investigações que nos apresentam a possibilidade da existência de uma outra tenda de reunião; uma tenda erguida, por elas e para elas, mulheres quando em situação de impureza (Lv 15). Essa tenda peculiar, ambiente em que elas ficavam confinadas, era espaço privilegiado de compartilhamento das alegrias e das dores de sua invisibilidade. Excluídas do dinamismo religioso propagado desde a Tenda das Reuniões, elas encontraram na tenda em que eram deixadas para purificação um espaço formativo espiritual de relacionamento entre si e com seus entes divinos.⁴⁴

O termo possui diversos significado no Judaísmo, tais como o rosto da revelação divina aos homens, a "Divina Presença", mais ainda, a face "feminina" dessa revelação. Outro significado que a expressão comporta é como santuário sagrado em que Deus habita, sendo esse o humano em si e não somente a metáfora da tenda (VINE, 2007,

p. 333). Entendida e experienciada desde o judaísmo tardio como Espírito de Deus, a *shekinah* se relaciona com a identificação do Espírito Paráclito no Evangelho de São João (JOHNSON, 1995, p. 128-134). É considerada uma figura feminina do Espírito que, após a Ressurreição, realiza a missão de ser a presença de Jesus Cristo no mundo, consolando, recordando, ensinando e guiando os apóstolos, discipulas e discípulos, a fim de que permaneça e se complete a obra salvífica do Nazareno (Jo 16, 13).

Na trajetória judaica que se desenvolveu depois do encerramento do cânon bíblico, o Espírito de Deus veio a ser designado de forma característica pelo símbolo feminino da *shekinah*. Este termo gramatical proveniente do verbo hebraico *shakhan*, "habitar" que é empregado em inúmeros textos que falam do Deus que habita entre os homens (Ex 25, 8; 29, 45-46), traduzindo ao pé da letra significa a "morada" ou "aquele que reside". É empregado nos targums (tradução ou paráfrase do Antigo Testamento, feitas após o exílio, em língua aramaica. N. do T.) ou nos escritos rabínicos como sinônimo da presença divina no meio do povo (JOHNSON, 1995, p. 131).

Na interpretação rabínica, a *shekinah* faz sua manifestação simbólica na nuvem, fogo, luz que irradia, acompanha e conduz o povo de Deus. É entendida como a própria glória divina, chamada também de *kabod*, clarão que alumia em meios as trevas do mundo. Para Johnson (1995, p. 132), essa expressão hebraica remete ao compadecimento divino com o sofrimento humano no cosmos, portanto, refere-se a misericórdia de Deus. "Ela não só indica a dimensão feminina de Deus, mas também o próprio Deus como *Aquela-que-habita-em*, a presença divina num envolvimento misericordioso com o mundo em conflito, fonte da vitalidade e de consolação na luta pela existência" (JOHNSON, 1995, p. 133). A *shekinah* seria então o símbolo da maternidade do Espírito, da maternidade de Deus.

Ao avançarmos nessa linha histórica de submissão, silenciamento e invisibilidade do femi-

⁴⁴ No âmbito religioso do povo de Israel encontramos resquícios que afirmam que Deusas faziam parte do universo israelita, essas foram aos poucos sendo destruídas. Encontramos Anate que é descrita como nome de lugares ou de pessoas (Jz 1,33; 5,6). A existência de Deusas se averigua quando fragmentos são identificados, inclusive com nomes e práticas culturais distintas da oficial: Astarte (Jz 2,13; 10,6; 1 Sm 7,3s) e Ashera (Jz 3,7; 1 Rs 18,19) representada como um símbolo cultural de madeira (1 Rs 15,13; 2 Rs 21,3, 7; Dt 16,21; Is 17,8). É possível que a memória dessas deusas não tenha sido de todo apagadas devido as reuniões nas tendas de purificação do feminino.

nino, se constata a nossa sempre atual tarefa de retomar a linguagem inclusiva da maternidade de Deus, da revelação, do envolvimento divino na humanidade. Esta contínua reavaliação da situação da mulher busca superar a rotulação a ela atribuída desde a ideologia patriarcal da tradição bíblica. Não se trata de sobressair o feminino e diminuir o outro, mas de propor uma séria reflexão do considerado antes normativo. O método histórico crítico dos textos bíblicos que a teologia feminista desenvolveu e, aos quais, provocaram grandes avanços, não podem ser abandonados, mas, devem ser valorizados, reconhecidos em sua seriedade científica e aplicados em nossos dias.

A *shekinah*, a morada nômade das caravanas, se atualiza em sua relevância à uma reflexão antropológica espiritual e não mais material. Isso será visto em Jesus – *Yeshua*, o Cristo que sacudiu as estruturas do universo judaico na Palestina e realizou um movimento em direção ao feminino, ainda não bem elaborado no âmbito da Igreja, que insiste no rompimento dessa consciência coletiva de supremacia masculina.

2 Jesus: *shekinah* que agrega o feminino

O feminino está nas entranhas do protocristianismo da Igreja, na sociedade, na vida gerando o novo, possibilitando a relação e o cuidado. A Igreja é feminina em seu conteúdo simbólico, desde as tendas, a mulher assume o papel de esposa, mãe, que dá à luz e educa seus filhos por amor. A mulher que arma a tenda das caravanas é forçada ao exílio mensal na tenda da purificação e faz de si mesma uma tenda relacional com o divino feito homem.

Jesus, o Verbo feito carne mediante o ventre de uma mulher, desvela, assim como a sua missão pessoal, o valor do feminino. Ele eleva a dignidade da mulher ao mesmo patamar que a do homem. A mulher, participe no "discipulado de iguais" (SCHÜSSLER; FIORENZA, 1993) que Jesus propaga, é também cidadã no construto do Reino. Ela é sujeito histórico e tem de ser enxergada como tal. Por isso, encontramos mulheres no transcurso da missão do Galileu, elas resistem ao ambiente hostil de seu tempo porque Ele as

fortalece e convoca. Por certo, Jesus difere da mentalidade da época em seu discurso e atitudes. Isso surpreende seus contemporâneos, pois Ele é um homem rodeado pelo feminino que torna todo ser invisível e marginalizado, visível e pleno. Elas estão junto d'Ele (Lc 8, 1-3; Mc 15, 40-41; Mt 20, 20), como estavam junto do primeiro vivente, ao lado, no coração, na missão, no compromisso com o projeto criador.

Jesus Cristo sabe o que há no coração da mulher (Jo 2, 25) e a herança resultante do pecado, enraizada ao longo da história é chaga aberta no corpo do feminino, marca indelével que a mulher carrega sozinha, enquanto o homem, absolvido em sua ingênua certeza, prossegue a jornada de ser a condenando, mesmo que veladamente. Jesus, a Boa Nova é, para todos e todas, uma *shekinah* viva que agrega e potencializa. Seja no século I ou em nossos dias, o desejo de visibilidade, para além de mera aparência, protocolos ou cotas - permanece e é almejado pelas mulheres. Na teologia, há de se reconhecer a presença feminina, especialmente, na particular experiência do Mistério Pascal (Mt 28, 1-11; Lc 24, 8-11).

Daí por diante, elas não cessam de anunciar e denunciar, profetizar o amor que carregam desde o modelar das suas entranhas e que foi potencializado na caminhada junto de Jesus. Nele, desde a criação, elas rompem, modestamente, o anonimato da Palavra e a propagam; discipulado fiel nascido no testemunho da Paixão e da Ressurreição. A mulher é propagadora do sentido último do mistério da vida e, hoje muito colaboram na "Igreja em saída" tão desejada pelo Papa Francisco. Uma Igreja que já havia se lançado em saída nos primeiros tempos, superando rótulos e fronteiras, mas retrocede com o impacto constantiniano, quando em sua oficialização silencia o feminino.

3 Depois de Paulo: o feminino silenciado

Paulo é visto por muitos o responsável por propagar não só o Cristianismo como também um secular antifeminismo cristão. Todavia, tem quem o considere um continuador da missão de

Jesus em promover os direitos da mulher. Suas ideias e atitudes são compreendidas a partir da sua estratégia pastoral de implantar as igrejas e se relacionar com o império. Assim, a questão da visibilidade do feminino estava presente nos dilemas do período de Paulo e de Áquila que, porventura, eram fabricantes de tendas (Hb 18,3).

As mulheres, agora em casas – *shekinah* mais elaboradas –, eram colaboradoras, não apenas financeiramente, mas missionariamente. Elas eram guias (Rm 16, 1-16) nas comunidades quando ainda se buscava a igualdade, totalidade e liberdade para todos (Gl 3, 28). É fato que Paulo não hesitava em contar com o auxílio de colaboradoras em seu ministério, tanto que menciona o nome de muitas delas (Rm 16). Não é Paulo, mas toda uma circunstância de reviravolta na Igreja primitiva que as desloca para a situação de invisibilidade novamente. Se Jesus as enxergava como protagonistas do Reino, autoridades da Igreja primitiva as lançaram para a margem quando decidiram a interdição do uso da palavra pela mulher na assembleia (1Cor 14, 34-35).

Contudo, há em Paulo atitudes ambíguas que não iremos aqui nos adentrar. O que nos mobiliza é a realidade dos dilemas da Antioquia entre Paulo e Pedro, em que, não somente as questões de costumes, lei e circuncisão estão em alta, mas um dos pontos fortes da discussão é o envolvimento das mulheres na missão (MAZAROLLO, 2011, p. 207). É visto em Paulo, o atualizar da *shekinah*, enquanto moradas das caravanas do povo de Israel, para o comércio do material de fabricação dessas e, posteriormente, para casas, primeiras comunidades, igrejas domésticas. Nelas, as mulheres exerciam um papel de suma importância, no serviço de acolhimento e hospitalidade. As mulheres estavam intensamente vinculadas compartilhando no espaço doméstico um ministério específico a elas confiado. As casas, mesmo que permeada de mecanismos de controle sobre o feminino, era o lugar de reunião que permitia a liderança feminina o papel de servidoras (*diakonoi*).

Enquanto a tenda fora um lugar de encontro com o divino, a casa tornou-se lugar de evangelização não mais apenas do feminino, mas de

todos e todas. Ao acompanharmos os relatos bíblicos paulinos não há dúvidas do protagonismo e liderança do feminino e da visibilidade da mulher nesse período da igreja. No decorrer desse processo histórico de construção eclesial, são erguidas as basílicas. Daí em diante, as mulheres não são mais as anfitriãs desse espaço sagrado, direcionando o domínio dessa função ao sacerdote. Se depois de Paulo toda uma tradição de "pais da igreja" não visualizou, suficientemente, a presença de um feminino ativo e comprometido, o tempo é de rever os motivos da cegueira e de buscar a cura para que possamos juntos contemplar novos horizontes na igreja e na teologia.

Há na tenda, no caminho, na casa, na igreja um processo de consciência progressivo da situação da mulher que chega aos nossos dias, mesmo com as rupturas desse processo de protagonismo no construto da basílica. A mulher cristã não escapa de sua situação histórica e as mudanças da sociedade a desafiam a descobrir a sua real condição enquanto situação pessoal e profissional. Sempre haverá questões relacionadas à mulher a serem resolvidas. É visto que emergem novas orientações históricas e metodológicas que nos permitem adentrar nas múltiplas estratégias seguidas por mulheres para desenvolverem-se em seu contexto histórico, assim como a compreensão da natureza dessa contribuição (MORANT, 2005, p. 142). Quiçá, cada vez mais visibilizada, a mulher possa contribuir no avanço e superação dessas questões.

4 Passos largos na história, um sobrevoos do medievo a contemporaneidade

O construto histórico da sociedade Ocidental acontece mediante um sistema de valores masculinos, de poder dominante religioso, em que o erigir e a expansão de praças, mercados, basílicas, castelos e academias ocorrem sob o silêncio, mas não a ausência do feminino (NAVARRO, 1992). Quase sempre à margem, elas tiveram que trilhar uma história própria, um caminho instigante de resiliência, militância e profetismo. E, isso se constata desde a narrativa da criação quando condenadas pela desobediência, ao peregrinar

do deserto, no erguer da tenda de seu exílio mensal de purificação, no encontro da *shekinah* de sentido no Cristo, no caminhar junto d'Ele, nas casas da igreja primitiva e no espaço delimitado que lhes foi reservado devido a expansividade de seu ser mulher.

Ao longo da história, a *shekinah*, essa tenda do encontro, avança o deserto, o ambiente da igreja doméstica primitiva e metamorfoseia-se no interior de castelos e bibliotecas, monastérios e academias. Espaços em que poucas mulheres tinham acesso às letras, às escolas. Em um dinamismo de alfabetização superficial e privilegiado, contudo, fizeram eco às que as precederem na história (NAVARRO, 1995). Talvez, o silêncio e a invisibilidade oportunizaram véus de proteção para a comunicação transmitida por gerações, especialmente nas tendas, no caminho e nas casas que produziram na mulher a força que ainda move um feminino disposto a propagar o Reino, comunicar a Boa Nova e desconstruir referenciais únicos.

Ao desenvolver seus próprios mecanismos de individuação, muitas, transformaram a história de seu tempo, como é visto no período medieval, em reformas e performances extraordinárias de mulheres como Hildegard Von Bingen (1098-1179), Clara de Assis (1194-1253), Juliana de Norwich (1342-1416), Teresa D'Ávila (1515-1582), Sor Inês da La Cruz (1648-1695).⁵⁵ Essas e muitas outras, revelaram-se mulheres de uma alta teologia com teor feminino. Época em que a política estava impregnada da religião, muitas mulheres se dedicaram livremente ao sentido de seu ser mulher no mundo (MORANT, 2005). De todas as classes sociais, criaram movimentos, outra forma de *shekinah* em que partilhavam suas inquietudes, persistindo em suas práticas e relacionamentos. Diversas foram perseguidas por representantes do poder laico e religioso que quase nada entendiam de seus propósitos de amor e liberdade (NAVARRO, 1992). Elas foram emparedadas, assassinadas, queimadas em praças públicas. Eram monjas, beguinhas, trovadoras,

cátaras, todas violentamente admoestadas ao silêncio e encorajadas à invisibilidade.

Poderiam não ser vistas pelos homens, mas criavam a sua própria visibilidade no meio feminino, surpreendendo camponesas e rainhas, convocando todas para a *shekinah* do futuro. Discípulas, colaboradoras, madres de deserto, monjas, beatas, trovadoras, cátaras, santas, curandeiras ou bruxas talvez, as mulheres se mantiveram conectadas em todas as suas dimensões. Conexões que hoje contam com documentos que nos revelam suas histórias, dilemas, testemunhos, escritos, materiais bibliográficos que contribuem no desvelar de um feminino invisibilizado. Mais do que isso, apontam para novos horizontes de um feminino incluso em todos os âmbitos da sociedade de nossa era.

5 A *shekinah* digital: uma ressonância das vozes das protagonistas atuais

Avança-se na história e, ao refletir a trajetória moderna do pensamento teológico feminista, encontramos teólogas que exploram além desses espaços, limites e fronteiras a serem expandidos (TROCH, 2007, p. 35-58). Lieve Troch descreveu a mudança que acontece entre os anos 1980 e 1990, do interesse no estudo teológico sobre fronteiras, que passa do foco no sujeito para a identidade, da ênfase na expressão "contextualidade" ao "espaço" (TROCH, 2007, p. 39). Nessa perspectiva, a teóloga Elizabeth Schüssler Fiorenza criou a expressão "open bounded space" (SCHÜSSLER FIORENZA, 1993), que concebe teologicamente a possibilidade de um ambiente em que diversas correntes de pensamento, linguagem, cultura e contextos podem convergir e interagir, um espaço aberto, mas conectado, em que os diferentes e mesmo opostos podem se encontrar sem se chocar.

Para Troch, este lugar idealizado por Fiorenza é intencionalmente aberto a todas e todos, para que os princípios cristãos possam ser verdadeiramente praticados. Isso tem convergência com a concepção decolonial de Homi Bhabha (1994,

⁵⁵ Cientes da existência de muitas mais mulheres que fazem parte da esteira das aqui mencionadas, o artigo segue e provoca à um estudo mais detalhado sobre o protagonismo da mulher na baixa e alta idade média.

p. 36-37) de um "Third Space", uma terceira via, um espaço de encontro entre pessoas de culturas e ideias distintas e até opostas. Trazendo este conceito para a teologia, o "terceiro espaço" seria um possível lugar para vivenciar o discipulado de iguais. Em um tempo marcado pelas experiências humanas mediadas por tecnologias digitais, o espaço digital surge não apenas com potencial estimulador de más tendências, mas como possibilidade de realização do "third" ou "open bounded space".

As décadas de 80 e 90 rompem o silêncio e despontam no horizonte teológico brasileiro algumas mulheres que começam a abrir caminho na academia. Apresentamos nomes significativos nessa caminhada feminina teológica, tendo consciência de que muitas outras fazem parte desse legado: Ivone Gebara, Ivoni Richter Reimer, Luiza Etsuko Tomita, Maria Clara Lucchetti Bingemer e Nancy Cardoso Pereira (TOSTES, 2022). Umas mais notórias, outras que não ganharam tanta visibilidade, mas todas com valiosa contribuição para a conquista de um espaço feminino na teologia do Brasil.

Embora o Concílio Vaticano II tenha soprado ventos de renovação e mudança, ainda não ocorreu na Igreja institucional um efetivo *kairós* feminino. Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco está movendo esforços para inserir mulheres em cargos de confiança e decisão, tratando do feminino em diversos documentos pontifícios como um dos desafios do nosso tempo.

Vejo, com prazer, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque "o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho" e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG 103).

Entretanto, a participação e atuação mais igualitária entre homens e mulheres na Igreja e

sociedade está distante de uma solução plausível. Os progressos ainda são superficiais levando em conta a profundidade das questões. O magistério da Igreja católica incentiva as mulheres ao engajamento eclesial, que sempre foi visível no dia a dia das comunidades. No entanto, não há uma expressão clara das formas dessa participação feminina mais posicionada e reconhecida.

Para tanto, a teologia feminina em sua significância plural deve avançar e expandir em seu espaço, método e profundidade hermenêutica. Por isso, não se trata de uma teologia de ou sobre o feminino, mas de um ocupar o seu lugar eclesial e de produção teológica (MARTINEZ CANO, 2017, p. 143-165). Disso resulta a importância de o feminino intensificar a força que o acompanha, desde a *shekinah* primitiva. É urgente a expansão de consciências, de compreensão e superação, mediante denúncia e anúncio, das desigualdades estruturais que persistem com a história, sem evoluir a respeito da mulher em sua luta por acesso a igualdade.

Refletindo sobre a situação da mulher na era digital, é interessante notar o protagonismo das nativas digitais, a ponto de levar o filósofo Michel Serres (2013, p. 78) a denominar as gerações digitais de Polegarzinha. Ele explica que uma das razões do nome é a rapidez com que dirigem os *smartphones* com seus dedos polegares, e a outra é o notório destaque e superação das meninas e mulheres contemporâneas em todos os âmbitos da sociedade. A partir dos avanços do protagonismo feminino em áreas como educação, política e atuação profissional, e sabendo que as mulheres são maioria nas comunidades eclesiais (50% DOS BRASILEIROS..., 2020), questiona-se: por que ainda existe pouco espaço feminino nas decisões da Igreja e escassa presença de mulheres nos corredores das faculdades de teologia?

Sabe-se que a formação teológica católica no Brasil está direcionada majoritariamente à educação do clero e que as lideranças femininas são exercidas nas pastorais, mas as igrejas locais raramente investem ou incentivam o seu aprofundamento teológico. Por essa razão, surgiram estudos sobre as barreiras enfrentadas

para uma educação teológica feminina em um campo ainda predominantemente masculino (FURLIN, 2019, 2021).

Em vista disso, em 2021, realizou-se uma escuta atenta às vozes das mulheres presentes onde se pensa a fé e se busca mudanças para que a Igreja seja cada vez mais fiel a Cristo: na teologia. A pesquisa "Mulheres na Teologia Brasileira", apresentada como comunicação no VIII Congresso da ANPTECRE de 2021 e em processo de publicação para a revista *Crosscultural Studies of Religion and Theology* (CSRT) da Paris Lodron Universität Salzburg,⁶ foi respondida por 53 mulheres, entre professoras, teólogas e estudantes de pós-graduação em teologia. O estudo sobre a presença, a visibilidade e o protagonismo feminino no contexto teológico brasileiro identificou certos fatores que promovem a invisibilidade e outros que contribuem para a atuação da mulher na teologia.

A fim de verificar a hipótese de que há uma pequena e raramente considerada, mas intensa presença feminina na teologia brasileira, foi produzido um questionário on-line com perguntas abertas e fechadas através do Google Forms. O formulário foi compartilhado em diversos grupos no WhatsApp e enviado por e-mail para instituições de ensino teológico. O questionário foi divulgado e preenchido por teólogas de julho a outubro de 2021. A amostragem abrangeu uma ampla faixa etária, com mulheres de 22 a 79 anos, e diversas regiões do território nacional, com 29 cidades presentes de nove estados brasileiros.

Em síntese, o principal resultado da pesquisa foi constatar o engajamento de dezenas de mulheres na Igreja e teologia dispostas a vivenciar uma *shekinah* própria, onde possa ser reconhecido seu fazer teológico e protagonismo eclesial. Elas se veem como teólogas, no entanto, encontram resistência, falta de espaço e oportunidade de emprego na academia, descrédito e, às vezes, infelizmente, são alvo de comentários desconfortáveis por parte de colegas. Diversas entrevistadas declararam que alcançaram certa

notoriedade, acompanhadas, muitas vezes, de um alto grau de ativismo, de uma exigência de produção qualificada constante, de uma pressão por desempenho muito maior que a dos seus colegas presbiteros. Mesmo estas teólogas renomadas ainda sentem, no seu espaço de atuação, uma atmosfera de tensão, desconfiança e inospitalidade.

Entre as propostas sugeridas pelas pesquisadas destacam-se a criação de uma rede de acesso à cursos de teologia para mulheres, a inserção de produções teológicas femininas nas bibliografias das disciplinas nas faculdades de teologia, a construção de um espaço colaborativo de encontro entre elas, promovendo ações conjuntas. "É importante para a mulher teóloga refletir com outras mulheres que ocupam o mesmo lugar desafiador e inovador que lhe é próprio dentro da Igreja, na sociedade e no mundo hodierno", ponderou uma das participantes.⁷ As proposições delas apontam para o anseio de uma *shekinah* feminina, um lugar qualificado pela habitação de Deus no feminino, de fácil acesso a todas, que agregue e congregue, onde possam dialogar e protagonizar, não mais restrito ao modelo presencial das tendas, mas rompendo os obstáculos geográficos através das telas, ampliando os horizontes possíveis ao ambiente digital.

Considerações finais

Desde o Vaticano II se espera a hora em que a vocação feminina se cumpra em plenitude, adquirindo no mundo o seu devido peso, influência e poder (PAULO VI, 1965). Contudo, infelizmente, ao avançarmos na história, descobrimos as contínuas dificuldades das suas vozes serem escutadas e seu protagonismo visibilizado.

A reflexão sobre a *shekinah* teve como meta fomentar o debate sobre os espaços legítimos da mulher na Igreja e teologia católica. Não se quis reduzir o sentido da *shekinah* à noção de espaço, que é muito mais amplo e rico, podendo se referir ao próprio Espírito Paráclito como maternidade divina. Enfatizou-se o significado de

⁶ O artigo estará disponível no site: <https://eplus.uni-salzburg.at/csrt>.

⁷ Arquivos pessoais da pesquisa.

lugar privilegiado onde Deus faz sua morada, a metáfora da tenda, para falar do almejado espaço feminino de encontro consigo e com o divino, ambiente de descoberta do seu protagonismo e missão. Ainda que de relance, rever a caminhada das mulheres na história do Cristianismo até chegar na realidade brasileira atual, ajuda a identificar as brechas ocupadas e os espaços conquistados, a fim de discernir onde o Espírito deseja conduzi-las.

A breve pesquisa de opinião das teólogas brasileiras, que no último tópico deste artigo se trouxe apenas uma síntese do resultado, quis ressoar as vozes destas protagonistas e encher de esperança as demais sujeitas eclesiais. O desafio de ser mulher teóloga em um campo acadêmico masculino hoje é vivenciado por muitas de nós. Assim, se torna fundamental para o fortalecimento da sororidade e avaliação das condições do feminino no sistema teológico-eclesial, o testemunho e partilha de histórias de êxito e de cancelamentos das mulheres de ontem e de hoje. Através desta reflexão, se deseja conscientizar da importância do desafio profético da abertura desses espaços de atuação, vivência espiritual, reflexão e decisão na Igreja e academia.

A partir dessa provocação realizada, quem sabe, as faculdades de teologia possam, como fizeram nossas irmãs do passado, ampliar as cordas da tenda do saber teológico, isto é, viabilizar mais espaços, reconhecendo a importância da contribuição da mulher para o fazer teológico e ação pastoral de nossos dias. A *shekinah* contemporânea se alargou (Is 54,2), não é mais fisicamente limitada, é também digital. Somente por esta *shekinah* digital que foi possível escutar, reunir e propagar as vozes das 53 mulheres que responderam ao questionário on-line. O empenho por mais espaço feminino não significa falta de atenção ou exclusão masculina, mas a busca pelo verdadeiro sentido da Igreja como Povo de Deus que caminha junto, reconhecendo a mesma dignidade de cada batizada e batizado, rumo a comunhão em que Cristo é tudo em todas e todos (Cl 3, 11).

Referências

50% DOS BRASILEIROS são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. In: *G1*. [S. l.], 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-saocaticos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 1 set. 2021.

BHABBA, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. In: Vatican. Roma, 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 8 jun. 2022.

FURLIN, Neiva. *As artesãs de si mesmas: O tornar-se professora em um campo de saber masculino*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

FURLIN, Neiva. *Relações de Gênero e Subjetividades: a docência feminina no Ensino Superior em Teologia*. Curitiba: Appris, 2021.

JOHNSON, Elizabeth A. *Aquela que é: o mistério de Deus no tratado teológico feminista*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINEZ CANO, Silvia. Mujeres creyentes, culturas y Iglesias. Reformas para comunidades católicas vivas y en acción. *Journal of the European Society of Women in Theological Research*, [S. l.], v. 25, p. 143-165, 2017.

MAZZAROLO, Isidoro. *O apóstolo Paulo*. O grego, o judeu e o cristão. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

MORANT, Isabel (dir.) *Historia de las mujeres en España y América Latina*. Volumen I. De la prehistoria a la Edad Media. Madrid: Ediciones Catedra, 2005.

NAVARRO, Mercedes. *10 mujeres escriben teología*. Estella: Verbo Divino, 1992.

NAVARRO, Mercedes; BERNABÉ Carmen (ed.). *Distintas y distinguidas*. Mujeres en la Biblia y en la historia. Madrid: Pub. Claretianas, 1995.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de Opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ed.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 164-179.

PAULO VI. *Mensagem às mulheres*. Conclusão do Concílio Vaticanos II. In: Vatican. Roma, 8 dez. 1965. https://www.vatican.va/content/paulvi/pt/speeches/1965/documents/hf_pvi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 10 fev. 2022.

REBAQUE, Rivas Fernando. *De la casa a la basilica: espacio social y vida comunitaria en el cristianismo primitivo (ss I-IV)*. *Salmanticensis*, [S. l.], v. 62, p. 103-137, 2015.

SERRES, Michel. *Polegarzinha (Thumbelina)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipleship of Equals: a Critical Feminist Ekklesia-logy of Liberation*. New York: Herder & Herder, 1993.

TOSTES, Angelica. Panorama da Teologia Feminista Brasileira. In: *Ageliquisses*. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://angeliquisses.com/2016/07/07/panorama-da-teologia-feminista-brasileira>. Acesso em: 10 fev. 2022.

TROCH, Lieve. Exercícios em maravilhar-se: Fronteiras e transgressões de fronteiras na teologia feminista. In: TROCH, Lieve (org.). *Passos com Paixão*: uma teologia do dia a dia. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007. p. 35-58.

VINE, William Edwy. *Shekinah*. In: VINE, William Edwy. *Diccionario expositivo de palabras de Antiguo y Nuevo Testamento*. Grupo Nelson: Mexico, 2007. p. 333.

Aline Amaro da Silva

Doutora e mestra (bolsa Capes) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil, com doutorado sanduíche (bolsa PDSE/Capes) na Ruhr Universität Bochum, Alemanha e estágio pós-doutoral (Coimbra Group Scholarship Programme) na Universidade de Graz, Áustria. Jornalista pela PUCRS. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Gecom/CNBB). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil, na Faculdade de Comunicação e Artes e no PPG de Ciências da Religião; pesquisadora do Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia (NECT) do ANIMA (PUC Minas). Professora na equipe de implantação do Mestrado Profissional em Teologia do IFT da PUC Minas.

Elisangela P. Machado

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestra em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil; graduada em Teologia pela PUCRS. Diretora da Casa de Retiros e Espiritualidade São Bernardino, colaboradora na Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS), em Santa Maria, RS, Brasil, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul, RS, Brasil, e na PUCRS.

Endereço para correspondência

Aline Amaro da Silva

Rua Camaquã 133, complemento 201

Camaquã, 91910-630

Porto Alegre, RS, Brasil

Elisangela P. Machado

Rua Miguel Couto, 457

Menino Deus, 90850-050

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.